

Mahmud Darwich

Trad. Michel Sleiman e Safa Jubran

O longo inverno de Rita

Rita ajeita a noite de nosso quarto:
é pouco este vinho, e estas rosas
parecem maiores que a cama.
Abro-lhe a janela, e a noite destila.
Põe, aqui, uma lua, em cima da cadeira: e em cima
põe um lago enrolando o meu lenço
e a palmeira crescerá cada vez mais.
Já te vestiste de outra, além de mim? Já te habitou alguma mulher
e soluçou a cada vez que teus galhos me enrolaram o tronco?
Esfrega os meus pés, esfrega o meu sangue, assim saberemos
o que de mim e de ti ficou das enxurradas e tempestades...

Rita dorme no jardim do corpo,
as amoras da cerca em suas unhas me iluminam o sal do corpo.
Te amo, Rita.

Dois passarinhos dormiram debaixo destas mãos...
dormiu a onda de excelente trigo ao seu lento respiro,
uma rosa vermelha dormiu no corredor.
Dormiu uma noite breve,
o mar diante da janela dormiu ao ritmo de Rita
o sobe e desce nos raios de seu peito nu; dorme, agora
entre nós, não cubras a escuridão de intenso dourado entre nós,
dorme, uma das mãos a circundar o eco,
e outra a espalhar a solidão das matas, dorme,
entre a camisa pistache e o banco de limão,
como égua nos estandartes na noite de núpcias...
Acalmaram os relinchos. Acalmaram
as colmeias em nosso sangue.
– Esteve aqui Rita?
Estivemos juntos?

... Dentro em pouco Rita partirá, sua sombra descera,
branco cárcere.

Onde nos encontraremos? – perguntaram suas mãos.
Voltei-me ao longe. O mar atrás da porta. O deserto atrás do mar.
Beije-me nos lábios – ela disse.
Eu disse: Como hei de partir outra vez, Rita?
se ainda tenho a uva e a memória,
e ainda me confundem as estações
entre o signo e o símbolo?
– O que dizes?
– Nada, Rita, imito um cavaleiro numa canção
que fala da maldição do amor retido nos espelhos...
– ... que fala de mim?
– ... e de dois sonhos num travesseiro: apartam-se e fogem;
Um se apossa de uma faca, e o outro assopra numa flauta.
– Não entendo, ela diz.
– Nem eu. Minha língua são estilhaços,
significado ao qual falta a mulher
e os cavalos... se suicidam no final da praça.

Rita degusta o chá da manhã,
e descasca a primeira maçã portando dez lírios.
Me diz: Deixa de lado o jornal, os tambores são tambores
e a guerra não é assunto meu. Eu sou eu. Tu és tu?
Sou esse
que te viu gazela a arremessar-lhe pérolas,
viu seus desejos rolares, riacho, por ti,
viu-nos amantes na cama
a distanciarmo-nos estranhos,
a saudarmo-nos num porto qualquer,
levados, folhas ao vento, em viagem,
largados diante das pousadas de estrangeiros,
cartas lidas às pressas,
– Me levas junto? serei
o selo de teu coração descalço, me levas? serei
tua veste na terra que te deu à luz... e depois te fez cair, serei
o caixão de hortelã a te levar a morte.
E tu, para mim, serás morto e vivo.

– Rita, o guia se perdeu, e o amor –morte–
é promessa não cumprida... que não termina.

... Rita prepara o dia
codornas agrupadas em torno do salto alto:
Bom dia, Rita!
nuvens azuis para o jasmineiro das axilas:
Bom dia!
fruta para a luz da aurora: Bom dia, Rita!
Devolve-me ao corpo para sossegar por um segundo
as agulhas do pinheiro em meu sangue, abandonado desde que te conheci.
Toda vez que abraço a torre de marfim, um par de pombas escapa das minhas mãos.
Ela disse: Voltarei quando mudarem os dias e os sonhos....
é longo este inverno, Rita, e nós somos nós, não digas como eu: Eu sou ela.
Ela é quem te viu pendurado na cerca, te fez descer e te abraçou,
te lavou com lágrimas, espalhando-se em ti usando as próprias açucenas,
e tu, entre dois terrores: a espada dos irmãos e a maldição da mãe.
Eu sou ela. Tu és tu?

... Rita se ergue dos meus joelhos,
visita seus enfeites, amarra o cabelo com borboleta prateada.
O rabo de cavalo acaricia as pintas espalhadas,
gotículas de luz escura sobre o mármore feminino.
Rita reconduz o botão à camisa mostarda... Tu és meu?
Sou teu; se deixaste a porta aberta ao passado, então tenho um passado.
Vejo-o nascer de tua ausência,
do ruído do tempo, quando a chave gira no ferrolho da porta;
tenho um passado que vejo sentado,
perto, como uma mesa;
tenho a espuma de sabão
e o mel salgado,
o orvalho
e o gengibre.
E tu tens os cervos. Se queres, teus são os cervos e os prados.
Se queres, tuas são as canções, tuas são as canções e o espanto.
Eu nasci para te amar,

égua que leva a mata a dançar
sulcando no coral a tua ausência.
Nasci senhora-a-seu-senhor: me leva!
Escansiarei teu copo com vinho terminal
E, em ti, me curarei de ti, me dá teu coração!
Nasci para te amar.
Dexei minha mãe a blasfemar o mundo e teu povo em cânticos antigos
encontrei os guardas da cidade a alimentar com teu amor o fogo, eu
eu nasci para te amar.

...Rita quebra as nozes dos meus dias.
Os campos se expandem...
Este pequeno chão tenho por quarto numa rua,
andar térreo de um prédio no alto da montanha,
e dá para o vento do mar.
Tenho uma lua cor de vinho e uma pedra esculpida,
parte da cena das ondas
que viajam pelas nuvens
e parte do livro de Gênesis,
parte do livro de Jó
e parte do dia da colheita,
parte do que eu possuía
e parte do pão de minha mãe,
parte das açucenas do vale
em poemas de amantes antigos
e parte da sabedoria dos amantes.
A vítima ama o rosto do assassino... Se atravessasses o rio, Rita.
Onde está o rio? – ela perguntou.
Eu disse: em ti e em mim há um só rio.
Verto-me sangue. Eis-me memória.
Os guardas não me deixaram nenhuma porta para entrar,
me apoiei no horizonte e olhei para baixo
olhei para cima e olhei para o lado
mas não havia horizonte para olhar;
vi só o meu olhar
na luz, afastando-se de mim.

Eu disse: Volta, outra vez, volta para mim, quem sabe
vejo alguém tentando ver um horizonte refeito por algum profeta
com estas pequeninas palavras: tu e eu...
alegria pequena... em cama estreita... tênue.
Não nos mataram ainda, Rita... é pesado este inverno... frio.

... Rita canta sozinha
para o correio de seu exílio no Norte: Deixei distante
minha mãe, perto do riacho,
sozinha e chorando a minha infância.
A toda noite, distante,
dorme nas minhas pequenas tranças.
Mamãe! quebrei a infância, minha mãe!
Saí mulher para criar o seio na boca do amado.
Rita dá voltas ao redor de Rita:
não há chão para dois corpos num mesmo corpo,
não há exílio para o exílio desses pequenos quartos.
A saída é a entrada – inútil cantar entre dois abismos.
Partamos... e que se defina o caminho.
Não consigo.
Nem eu – ela dizia – e não dizia –
acalmando os potros no seu sangue:
De longe é que vêm as andorinhas?... meu estranho, meu querido,
até este jardim solitário?
Leva-me para uma terra distante, para a terra distante.

Rita chorou – é longo este inverno –
e quebrou a porcelana do dia nas grades da janela.
Depositou o pequeno revólver no rascunho do poema.
Jogou as meias na cadeira. Quebrou-se o arrulho.
Foi-se, descalça, ao desconhecido. Eu emigrei.